

Alunos dão nota vermelha para governo

Ana Lucia Moura
Da equipe do **Correio**

Estudantes e professores de Sobradinho conseguiram movimentar as ruas da cidade, na manhã de ontem. Do alto do carro de som do Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro), cerca de 400 alunos e professores, do ensino fundamental e médio, protestaram contra as mudanças curriculares implantadas pela Secretaria de Educação, desde o início do ano. Esta é a sexta manifestação realizada este ano por estudantes de escolas públicas do DF.

De cara pintada em várias cores, os manifestantes saíram em caminhada do Centro Educacional 3 até a Administração Regional de Sobradinho, um percurso de quase dois quilômetros. Ao longo do trajeto, mais alunos e professores se juntaram ao movimento. Oito escolas participaram. Exibiam faixas e cartazes criticando a secretária de Educação, Eurides Brito. "Impor mudanças sem ouvir a comunidade escolar é ditadura", dizia um dos cartazes. Aproveitaram também para reivindicar segurança nos colégios. "Chega de violência. Insegurança e educação não combinam. Paz nas escolas", dizia outra faixa.

Em frente ao prédio da administração, alguns alunos exaltados acabaram atirando pedras no administrador da cidade, Paulo Cavalcante Oliveira. Graças aos assessores, ele não se machucou. Mesmo assim, recebeu para uma conversa um grupo de seis manifestantes, entre professores, alunos e representantes do Sinpro. Prometeu pedir à secretária Eurides Brito que abra um canal de negocia-

Carlos Moura



Quatrocentos estudantes de Sobradinho protestaram contra reforma definida pela secretária Eurides Brito, que não conversa com manifestantes

ção com os alunos. "Se eles estão reclamando do novo pacote, é importante que sejam ouvidos. Mas não tenho poderes para mudar o programa", disse.

Segundo a Assessoria de Comunicação da Secretaria de Educação, Eurides não vai falar sobre a manifestação, tampouco receber os alunos para um diálogo. Os professores, no en-

tanto, conseguiram uma audiência com o secretário de Assuntos Intersindicaís, Vatanábio Brandão, no final da tarde. Mas até o fechamento desta edição, a reunião não havia terminado.

NOVAS DISCIPLINAS

As principais críticas de alunos e educadores são quatro. A mais polêmica é a inclusão no

currículo de disciplinas como sociologia, filosofia e ensino religioso e a conseqüente diminuição da carga horária das matérias já existentes. Segundo os estudantes, a mudança prejudica a preparação para as provas do Programa de Avaliação Seriada (PAS) e dos vestibulares. "Na hora de ingressar na universidade o que pesa é matemática,

português, redação, geografia, história e biologia. Com o novo pacote de ensino, passamos a ter menos horas de aula nessas disciplinas", explica a aluna do Centro Educacional 1, Letícia Rodrigues de Sousa, 18 anos. "Entendo que filosofia e sociologia são importantes, mas não vão nos garantir uma boa média no vestibular", garante.

Outra crítica dos alunos é quanto à inclusão da educação física no mesmo turno das outras aulas. Antes da mudança, os alunos que estudavam pela manhã praticavam exercícios à tarde, e vice-versa. Agora, o aluno assiste uma aula, sai para a educação física e volta para a sala. É o caso do aluno do Centro Educacional 3, Diogo de Oliveira, 17 anos. "É um absurdo. Minha aula de educação física acontece no terceiro horário da segunda-feira. Volto da quadra de esportes suado e com o corpo cansado. Tenho dificuldades para me concentrar na aula seguinte", explica.

Os estudantes reclamam também do fim da eleição direta para diretores de escolas. Até o início da reforma curricular, pais, alunos, professores e servidores votavam para diretor. Agora, estes profissionais são escolhidos por meio de um concurso realizado pelas Divisões Regionais de Ensino. "Tiraram nossa liberdade de escolha. A eleição era um ótimo exercício de cidadania. Não tenho dúvidas de que existem metretas nestes concursos", afirma outro aluno do Centro Educacional 3, André Luiz de Castro Barbosa, 17 anos.

Professores também não poupam críticas ao novo programa curricular da Secretaria de Educação. É que o pacote inclui aumento da carga horária em 50 minutos e transfere a coordenação — dia que em que o educador prepara o programa das aulas e corrige provas — para o turno contrário. "Estamos dando seis aulas seguidas, com um intervalo de apenas 10 minutos. É muito estressante. Vamos adoecer desse jeito", desabafa Adélia Kall, 43 anos, professora do Centro de Ensino 3.